

## Um Michelet de Orléans: uma visão romântica e nacionalista sobre a figura de Joana D'arc

A Michelet of Orléans: a romantic and nationalist view on the figure of Joan d'Arc

Tatiana Ribeiro Besada Rodrigues  
Faculdade Unyleya

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo buscar a visão sobre a historiografia oitocentista tendo como figura central o historiador francês Jules Michelet, abordando a personagem Joana D'arc composta em sua obra. Busca-se elucidar a respeito da heroína e padroeira francesa, levantando questionamentos sobre a ressignificação de sua imagem, a população e a mentalidade medieval; contrapondo com questões ligadas a figura da Donzela no século XIX; quando o romantismo, nacionalismo e o povo tornam-se um dos assuntos principais entre a historiografia da época.

**Palavras-chaves:** Jules Michelet; Joana D'arc; nacionalismo; povo; romantismo, historiografia.

**Abstract:** This article aims to seek a view on 19th century historiography with the French historian Jules Michelet as its central figure, addressing the character Joana D'Arc composed in his work. It seeks to elucidate about the heroine and French patroness, raising questions about the resignification of her image, the population and the medieval mentality; with issues related to the figure of the Maiden in the 19th century; when romanticism, nationalism and the people become one of the main subjects among the historiography of the time.

**Keywords:** Jules Michelet; Joana d'Arc; nationalism; people; romanticism; historiography

## 1 Introdução

Este texto aborda o tema a respeito da obra do filósofo e historiador Jules Michelet, tendo como figura central a personagem de Joana D'arc, trazendo aspectos relacionados ao movimento artístico denominado romantismo, às questões atreladas ao povo e ao nacionalismo da época; peças marcantes para o período estudado quando a Historiografia ganha novos moldes e contribui para a construção de nação.

O objetivo deste artigo é buscar uma reflexão acerca das questões ligadas à construção literária de Jules Michelet, visando estabelecer um parâmetro sobre a sua escrita romântica, o século XIX e a maneira que o autor conduziu seu trabalho ao falar sobre a Idade Média e a figura de Joana D'arc; uma das personagens mais marcantes dentro da história, sendo reconhecida como padroeira da França.

A relevância desse tema visa buscar uma ótica sobre Jules Michelet, a historiografia da época e a formação de uma nova mentalidade introduzida na população que apoia para a formação de nossa sociedade, moldando novos costumes, olhares e contribuições. Questões como poder, nação, a figura feminina e a historiografia da época serão levantadas neste trabalho visando um entendimento acerca dos escritos de Michelet e do período em que viveu.

Retratar a vida de Joana D'arc sob o olhar "Micheletiano" nos foge do trivial aos estudos que enumeram sua imagem atrelada a bruxaria, julgamento e santidade. Michelet buscou em seu trabalho uma abordagem voltada para o povo, trazendo em suas linhas outra perspectiva sobre Joana para França.

## 2 Jules Michelet e a Historiografia romântica sobre o medievo

Jules Michelet nasceu em 21 de outubro de 1798 em Paris, França e veio a falecer dia 9 de fevereiro de 1874 com 75 anos. Conhecido mundialmente como historiador e filósofo, veio de uma família cujo trabalho de impressão fazia parte de seu cotidiano e viria mais tarde se tornar professor de História no *Collège Rollin*. Grande parte de sua vida foi voltada para os Arquivos Nacionais e para História, onde contribuiu para seu trabalho. Foi um grande escritor cuja principal obra foi: *História de França* que levaria trinta anos para terminar, acompanhou a produção de inúmeros livros fazendo uma ponte entre a Literatura e a História.

Tido para alguns como um escritor romântico e recebendo críticas pela forma que conduziu seus trabalhos, Michelet não aceitava os rótulos de romancista. "De fato, apesar da intratável recusa de Michelet em aceitar o título de poeta da história, sua obra sempre inspirou comentários nos quais o elogio ao texto vai de par com a dúvida quanto à confiabilidade historiográfica" (TEIXEIRA, 2011).

Michelet, como uma das figuras representantes do cenário oitocentista que estava embebido de mudanças literárias, filosóficas e políticas que caminhavam juntas com o positivismo; ele busca trazer a questão da fé nos homens, fazendo com que a História agisse como mestra para vida "propondo a prática educativa ou a crítica, mas sempre

apontando a ausência de um sujeito humano que age em seu mundo contemporâneo” (RIZO, 2000).

O historiador nutre em sua pesquisa bases no povo, tendo como seu principal foco a sua nação. O espírito francês desenha e dá contornos a sua pesquisa e respaldam as singularidades de seus eventos, trazendo à tona, princípios que vão além do trabalho em suas fontes materiais, mas sim uma orientação mais profunda em que a população traz com decorrer dos tempos. Isso é visto desde Joana D’arc, onde seu objetivo principal é mostrar uma ótica da população, suas tradições e singularidades. Sua escrita é voltada para construção de um todo, “(...) organizado de acordo com a História de sua nação, onde Idade Média e Moderna demonstram a capacidade daqueles franceses, que não devem nunca esquecer de seu potencial revolucionário.” (RIZO, 2000).

Para Michelet, sua obra historicista resiste ao despersonalismo, e deve afastar-se da ciência que iguala, sob leis, toda a singularidade. Portanto, mesmo que seu olhar estivesse voltado para a França, a partir dele abre-se uma perspectiva de História que valoriza todas as vidas nacionais e individuais. Seu historicismo remete-se às particularidades, tanto no que diz respeito às diversas culturas, como aos agentes particulares. Assim, sua mensagem volta-se para todo e qualquer historiador que pensa sobre sua própria atividade, diante de qualquer povo. Este toma para si um papel. É a História que busca refletir sobre seu próprio sentido. É o historiador que procura para si um papel no mundo através da escrita. Porém, sua atuação se dá não somente ao nível da escrita, mas sim das formas práticas que esta escrita assume diante do mundo. É o papel do gênio romântico. (RIZO, 2000.pg.196)

Aos olhos de Hayden White (1992), vemos um Michelet que resgata antes de sua historicidade a política, na maneira que busca nas ações o sentimento nacional francês. Ele resgata “o mito para construir uma identidade” e se preocupa com a veracidade dos fatos e na seleção de suas fontes, que revelam tais preocupações. “Ele cria na possibilidade de ressurreição da vida integral. Sua exploração dos sentimentos devia-se a sua ânsia por trazer a tona todos os aspectos da vida dos personagens eleitos.” (WHITE, 1992). E mesmo essa relação com o romantismo, na qual ele se negava, buscava nela uma forma científica para adequar as suas pesquisas.

No tempo das historicidades, cujas reflexões sobre método e o sujeito estão incluídas dentro do contexto do historiador, vemos um século XIX trazer marcas do seu período anterior, onde a Revolução Francesa e a Revolução Industrial marcaram seu povo; com quebras de um pensamento religioso e toda uma transformação social e estrutural que viria a alterar o rumo da História. “As instituições políticas tradicionais sofreram fortes abalos e as fronteiras entre os povos foram modificadas criando novo equilíbrio entre as nações”. (FALBEL, 1993) Dessas marcas vemos surgir um movimento artístico, político e filosófico que viria com o século XVIII e chegaria ao século XIX denominado como Romantismo, em contraposição aos pensamentos e ideais que o Iluminismo trazia.

E o que seria esse Romantismo? Para J. Guinsburg (1993): “Uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito? Provavelmente tudo

isso junto e cada item separado”<sup>1</sup>. O mesmo levanta acerca de ser um “fato histórico” e que traz para a “consciência humana” a importância da “consciência histórica”. Seriam as respostas dessas “emergências históricas”; estas, que estavam introduzidas dentro de uma sociedade cujas formas e nomenclaturas eram necessárias para o agrupamento de ideias sociais e delimitações de ideais e propósitos.

Benedito Nunes (1993) separa esse movimento em duas categorias: a *psicológica* e a *histórica*, cuja psicológica trata da sensibilidade e a histórica é marcada por seu “movimento literário e artístico datado”. Mas, o Romantismo vai além de estado sensível, além de um teor artístico; ele permeia pelo meio social, cujo suas reflexões são feitas acerca de um caráter religioso, retomando as bases no medievo e quebrando bases que o Iluminismo havia trazido, onde a Razão e a Natureza moldavam sua época.

No movimento romântico, que se desenvolveu entre as duas últimas décadas do século XVIII e os fins da primeira metade do século XIX, quando num período de cronologia oscilante, verificou-se a grande ruptura com os padrões do gosto clássico, prolongados através do neoclassicismo iluminista, fundiram-se várias fontes filosóficas, estéticas e religiosas próximas, e reabriram-se veios mágicos, místicos e religiosos remotos. Pela variedade de seus aspectos, extensivos para além da literatura e da arte, a todas as dimensões da cultura, pela diversidade das posições contrastantes que abrangeu, o Romantismo foi, na verdade, uma confluência de vertentes até certo ponto autônomas, vinculadas a diferentes tradições nacionais. (NUNES, 1993. pg 52)

Esse comportamento romântico, que buscava através das emoções respostas para sociedade, trazia em suas raízes mais profundas o surgimento de um sentimento nacional, que acrescentaria os valores de uma nação para construção desse povo.

J. Guinsburg, nos mostra que no movimento romântico a História se faz “*realidade*”, trazendo para os estudos questões que envolvam como os povos se desenvolvem, suas instituições, sua cultura popular e também erudita; tendo como o homem um ser histórico que se submete a sua temporalidade dando significações. Seu foco seria o sujeito, diferenciando do outro, trazendo sua singularidade a sua condição social e sua sensibilidade.

Seu teor revolucionário, efervescente, aglutinador e idealizador, trazem marcas de uma nação que ainda estava se estruturando e buscavam encontrar respostas para compreender suas estruturas sociais. Esse sentimentalismo trazido em meio a um povo que buscava por ideias de igualdade, vinha com um “heroísmo, o sacrifício, o sangue derramado”<sup>2</sup> buscando por um passado recente.

Conforme Guinsburg<sup>3</sup> esse movimento em sua forma histórica, “aglutina as sociedades em mundos, comunidades, nações, raças que tem antes culturas do que civilizações”, trazendo suas peculiaridades, colocando em grupos e diferenciando esses, uns dos outros. Esse romantismo francês tem um caráter de um sentimentalismo nacional,

<sup>1</sup> O Romantismo, J.Guinsburg. Pág.13

<sup>2</sup> Idem Pág.36

<sup>3</sup> Idem.Pág.15

cujas questões sociais ganham espaço em sua historiografia manifestando-se como “piedade para com os humildes, as classes não privilegiadas ou, ainda, para com a grande massa do povo”<sup>4</sup>

É nessa Idade Média que o Romantismo busca fundamentação para o seu presente. Uma época em que as figuras heroicas se fazem presentes, as escritas ganham grande relevância e a sacralidade é sua base. “(...) uma das alternativas do Romantismo foi recuperar o tempo medieval, procurando extrair desse passado às raízes originárias e primitivas do povo como forma de alcançar e definir a identidade nacional.” (SCHREINER. 2001).

Podemos observar a relevância de uma profundidade para que se haja uma compreensão de nação, que mesmo sendo um conceito criado na modernidade, ele já articulava povos mais antigos que dentro de seus modelos sistemáticos e características peculiares ordenavam dentro de um imaginário social, princípios e valores de cada região. Essas afinidades que caminhavam com a religiosidade, com valores étnicos, políticos e linguísticos; possibilitavam uma separação de grupos que os caracterizavam, mesmo não havendo fronteiras tão demarcadas contribuía para que ocorressem novas culturas.

Michelet traz em seu trabalho sobre Joana D’arc à descrença que aqueles homens que combatiam traziam em seu peito; se tornando “animais selvagens” e até mesmo “feras”, necessitando de uma figura que trouxesse em seus âmagos uma iluminação para sua vida cristã: “O Deus dessa época era bem mais a Virgem do que o Cristo. Era necessário a Virgem descida à terra, uma virgem popular, jovem, bela, doce, ousada.” (MICHELET, 2007).

A visão santificada sobre a imagem da Donzela se contradizia com seu posicionamento diante dos combates. Aquele cenário de guerras e a vontade de pertencimento nacional, fez com que Joana D’arc abandonasse a figura da jovem santa e se colocasse como a jovem guerreira.

Tais contradições vinham mais sobre a figura que a população criara do que ela realmente se intitulava. Era o povo que trazia os rótulos que a caracterizaram, colocando em uma situação em que ao mesmo tempo a impulsionava perante a aristocracia e a Igreja, mas também poderia ser um fator determinante para sua derrota: “Mas o grande perigo para a santa era sua própria santidade, o respeito do povo, sua adoração.” (MICHELET, 2007).

Michelet demonstra em seu trabalho constantes relatos que enalteciam essa hagiografia, mostrando pontos em que havia momentos que a Donzela de Orleans se colocara como uma mulher clemente a Deus, em outros momentos trazia uma simplicidade típica de sua servidão, além de se posicionar como um típico guerreiro, em um tempo que mulheres não estavam na linha de frente de um exército.

As crenças nas revelações e na doutrina religiosa eram partes dessa Idade Média, que trazida por Jules Michelet, ansiava pela valorização dos símbolos nacionais e a sustentação de um discurso que configurava um aglomerado de ideias e causas elucidando

---

<sup>4</sup>Idem.Pág.36

pontos de uma história rica para seu país. Era um fulgor de um tempo passado que apresentava o contexto das lutas de seu povo pela construção de uma unidade. O sentimentalismo é colocado em um plano de exaltação dentro de uma pátria amparada pelo cristianismo, em que os relatos são de extrema importância, dando vozes aos mortos que compuseram essa parte da história, e que imergiram numa figura popular, a fim de, ofuscar as perdas que seu país teve durante esse período histórico; amparando o discurso micheletiano que fundamenta seu ensejo em reafirmar essa construção nacional francesa.

Eis por que, com tantas virtudes humanas, com essa seriedade, essa honestidade externa, essa índole bíblica, nenhuma nação está mais longe da graça. É o único povo que não teria podido reivindicar a *Imitação de Cristo*, um francês podia escrever esse livro, um alemão, um italiano – um inglês nunca. (MICHELET. 2007. Pág.111)

### **3 Uma historiografia francesa oitocentista: debate sobre a figura de Joana D’arc para o povo e a nação francesa**

Ao longo do tempo, estudiosos trouxeram questões a respeito da importância da memória para a compreensão social dando alicerces para a materialidade de seu tempo e construindo uma ótica que respalda as mentalidades e dá voz as particularidades de um coletivo.

Pierre Nora em seu artigo *Entre Memória e História: A problemática dos lugares* levanta questões a respeito da história-memória não ter o mesmo sentido; na qual, a memória ela é conduzida por “grupos vivos” e está sempre evoluindo “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações” e a história “é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”.<sup>5</sup> A memória é atual, está dentro do presente e a história traz aquilo que já aconteceu, se apresenta no passado.

A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une (...) por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, só se liga as continuidades temporais, às evoluções e as relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993. Pág. 9)

É preciso preservar essa memória para que se possa dar luz ao tempo, enaltecer uma coletividade e permanecer nesse espaço sem que se percam suas singularidades, trazendo essa memória vivida no passado e histórica que se materializam por meio do concreto e qualificam a história com seu teor simbólico e crítico para a coletividade social. Tornam-se lugares de memórias que fazem reviver um esquecimento de um presente que

---

<sup>5</sup> Entre Memória e História: A problemática dos lugares, Pierre Nora. 1993. Pág.9

se tornou passado e emoldura um acontecimento que qualifica uma nação. Preservar para que não se perca em tempo é fazer *jus* a coletividade vivida. Memória e História são antagônicas, mas se complementam e dão um lugar de permanências. “Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial (...)” (NORA, 1993)

Até onde essa memória conta uma história? Narra um acontecimento e perpetua uma nação? Imbuídos de lutas e perdas dentro das guerras ao longo do tempo, Benedict Anderson (2008) nos faz olhar sobre os túmulos de soldados e monumentos como elementos que ajudam na reflexão sobre esses vazios deixados sobre a materialidade histórica de um indivíduo que se perdeu em meio a uma guerra, “*túmulos sem almas imortais*”, mas que se tornam imagens nacionais. Ele apresenta que esse imaginário nacionalista tem grande afinidade com o imaginário religioso. “Como essa afinidade nada tem de fortuito, talvez valha a pena iniciar uma avaliação das raízes culturais do nacionalismo pela morte, o último elemento de uma série de fatalidades.”<sup>6</sup> É colocada uma visão sobre a religiosidade e a maneira que tais fatos trazem uma preocupação com o “*homem – no – universo*”, buscando respostas para dores humanas e para imortalidade.

A racionalidade enraizada no Iluminismo trouxe uma quebra entre a religiosidade que vigorava na época, ocasionando em um declínio espiritual e trazendo uma problemática para as respostas que a religião ajudava apaziguar. “Admite-se normalmente que os estados nacionais são “novos” e “históricos”, ao passo que as nações a que eles dão expressão política sempre assomam de um passado imemorial, e, ainda mais importante, seguem rumo a um futuro ilimitado.”<sup>7</sup>

Na França com a Revolução vemos a criação dos Arquivos Nacionais em 1790 e em 1794 um decreto que ordena os arquivos como públicos. Nessa memória arquivista e coletiva se ampara muito do trabalho de Jules Michelet, que dá vez não somente ao povo e aos documentos, mas que revive ao longo do tempo um apreço pela morte dando a sua devida voz “O desejo que Michelet nutria de “*ressuscitar os mortos*” está presente tanto na sua concepção de História quanto em seu método histórico. Ressurreição, palavra tão recorrente na vida de Michelet quanto a morte” (RABELO. 2011)<sup>8</sup>.

Uma de suas contribuições é a maneira que ele trabalha esse universo feminino, a mulher como sujeito histórico, o que era pouco utilizado até o século XIX, “As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas”<sup>9</sup>. “Trabalhos como “*A Feiticeira*” “*As Mulheres e a Revolução*” e *Joana D’Arc*” é a materialidade desse novo pensamento trazido pelos românticos oitocentistas, e Michelet se compõem muito bem desse conteúdo.

<sup>6</sup> ANDERSON, Benedict. 1983. pág.36

<sup>7</sup> Idem.pág, 38\39

<sup>8</sup>. Michelet, Desesperança e Fúria na Idade Média: Nasce a Feiticeira. Pág.8. Rabelo, 2011

<sup>9</sup> Dossiê: História das Mulheres no Ocidente. Michelle Perrot,1995

A Igreja exercera papel preponderante na edificação do maior flagelo que assolou os séculos da Idade Média: a monotonia e o tédio. Assim via Michelet essa Idade Média. A incerteza da condição do indivíduo também exercia sobre eles o sentimento de desespero. Hoje o camponês é livre, planta e colhe ao pé da colina, amanhã ele é servo, deve tudo ao seu senhor. A mulher que mesmo ao rezar para a Santa Virgem não esquecia de deixar o leite para o gênio do lar, quando ver a Igreja condenar sua prática e declarar que eles, os gênios, os duendes da terra e até mesmo a Alva Estrela são demônios, tem a sensação de desamparo, pois os anjos insípidos não se parecem em nada com ela. Esses fatores, entre outros que encontramos no mar de Michelet, são responsáveis por atenuar nos lares medievos a desesperança e o tédio. Em especial na mulher. Tudo a aproxima de Satã. (RABELO, 2011, Pg. 12)

Dentro desse contexto sobre a mulher e “*dar voz aos mortos*”, temos como ponto Joana D’arc, que percorreu desde o século XV até o XX, onde se tornaria padroeira da França, por vias de interpretações diversas, utilizando-se de sua imagem nas mais diversas formas de estudo. De *Bayle, Hume, Voltaire, Montesquieu, Chapelain, Simmond, Michelet, Pernoud*; entre tantos outros; vemos um verbete oras florido, satírico, histórico e romântico, de uma Joana D’arc incrédula, guerreira, menina, santa, donzela nos mais diversos trabalhos ao longo desse tempo. Uma narrativa que trazia sua historicidade e com elementos míticos “A Donzela reunia mito e história de uma forma que, sem a fantasia, a história não parecia possível”<sup>10</sup>. Esse misto entre o conto e a história a tornou uma das mulheres mais conhecidas.

Dentro desses nomes que revivem positivamente Joana D’arc é que encontramos Michelet, que traz uma Joana pela sua capacidade de *criação*<sup>11</sup>. É nessa forma que ele se debruça; pela sua santidade e religiosidade que o autor vê na Donzela elementos que a impulsiona, trazendo para o povo alicerces para a devoção e apelo daquela época.

O entusiasmo que Michelet via em Joana trazia um olhar político que era sustentado dentro desse liberalismo e conservadorismo da época em que a massa era impulsionada por certa insanidade, esta, que era defendida pelo autor como uma “insanidade heroica”, cuja população trazia um fervor por mudanças. Esse entusiasmo ajuda a compreender essas ações de uma personalidade “sublime” e “natural” que estava equiparado a grande massa da época, mas que veio a submergir neste cenário de guerras e devoções. “(...) agiu justamente porque não possuía nenhuma arte, nenhuma taumaturgia, magia ou milagre. Seu encanto é sua humanidade. Ela não tinha asas, esse pobre anjo; é o povo, é fraca, ela somos nós, ela é todo mundo.” (MICHELET, 2001)<sup>12</sup>

Michelet encontra no povo respostas que o ajudam elucidar o percurso de Joana D’arc, fazendo uma imagem tão singular e imponente aos olhos de um tempo de escassez “O povo continua insano, mas o desejo monomaniaco por liberdade representava as

<sup>10</sup> BEAUNE, 2006, demonstra que há mitificações de Joana desde o século XV.. – citação extraída no artigo de Mayquel Ferreira Eleuthério O Filósofo e a Donzela: a corrosão do mito de Joana d’Arc por Voltaire em La Pucelle d’Orléans. Pág.134

<sup>11</sup> Ideia extraída do artigo de Amaral. Flávia

<sup>12</sup> Prefácio da edição da *Histoire de France* de 1869. Extraído do artigo de Amaral.Flávia.2011

paixões que poderiam trazer liberdade à França.”<sup>13</sup> Joana está inserida nesse povo, que com seu entusiasmo traz esse “potencial revolucionário” e nutre o desejo de modificar a realidade que vivia, e nessa ideia de liberdade e de insanidade revolucionária da população amparam quatro fases “deflagraram” a Guerra dos Cem Anos:

“Joana d’Arc começou esse processo e sua rebelião se tornou contagiosa no século XIV.” A transmissão geracional da ideia de fraternidade teria se dado ainda em outros momentos: nas guerras de religião, no período da regência durante a menoridade de Luís XV e na Revolução Francesa. A insanidade teria levado à superação da dor nesses momentos de dissolução através da fraternidade: a insanidade gerou uma revolta contra a dor da opressão. O desejo de fraternidade é por si só ilógico, uma questão de fé, a sabedoria da insanidade popular e isso levou à Revolução. (AMARAL, 2011. pg. 9)

Se no século XVIII vemos essa Joana D’arc racionalmente descrita, trazendo uma multiplicidade de correlações que deturpam ou a humanizam, tirando essa sacralidade e colocando suas atitudes dentro de um viés político, momentos cômicos e interpretativos; o século XIX, em que Jules Michelet se encontra, trata a Donzela em um sentido de defesa, como objeto de uma nação, que agrega seu heroísmo popular e legitima a França dentro desse cenário de guerra, reforçando seus ideais da Revolução.

Joana é parte de rupturas não somente diante de seu tempo, mas como elemento que aglutina ideais inseridos em dois séculos efervescentes, um limiar de transformações que a utilizam para reafirmar ou subalternar uma nação.

Nessa construção social, na qual sua iconoclastia sofre ataques ou preconiza uma futura santificação, temos amparados nesse fervor revolucionário a necessidade de *ressignificar* uma jovem com grande contribuição documental incapaz de ser esquecida ou apagada ao longo do tempo. “(...) Revolução Francesa só foi um evento decisivo para a reputação de Joana D’arc porque desenvolveu um ambiente tão ambíguo e contraditório em relação a ela que a posteridade buscou *ressignificá-la* de forma definitiva”<sup>14</sup>.

É nessa construção nacional, nesse meio de preservação e simbolismos que Joana D’arc reside e se reafirma como fonte histórica, identidade de um povo revolucionário e exaltada por muitos historiadores.

Joana D’arc se tornou mais que um elo entre o misticismo e a população. “Aqueles que não entenderam Joana pensavam que faziam isso por motivos religiosos ou supersticiosos, mas para Michelet se tratava de uma resistência contra a modernidade” (AMARAL, 2012). Todo processo em que a Donzela passou levou-a até sua canonização, separando a religiosidade da política e reafirmando como um dos maiores símbolos da França.

<sup>13</sup> (Idem.Pág.8)

<sup>14</sup> Afirmativa de Lightbody,(Idem.Pág.57)

## 4 Conclusão

O desenvolvimento acima possibilitou mostrar como o trabalho de Jules Michelet sobre Joana D'arc configurou um modelo de um período como o da historiografia oitocentista, na qual o movimento que ampara esses ideais trazidos está respaldado no Romantismo.

Questões levantadas sobre a imagem criada da Donzela trazida por Michelet são colocadas para que possamos compreender a mentalidade de seu tempo e como o historiador eclodia diante das aspirações sobre sua nação e a materialidade contida a respeito da França.

O povo dessa Revolução se torna tão dignificado nas mãos de Jules Michelet, que nutre suas respostas e pesquisas visando ofuscar qualquer obscuridade deixada sobre seu país. Michelet é um apaixonado pela sua nação e ampara seu tempo a dedicação de reviver sua história e suas lutas. É na sociedade medieval que ele se volta para resplandecer Joana D'arc, compreender seu tempo e seus posicionamentos e a reafirmar como heroína.

As particularidades sobre o estudo de Michelet é colocado numa perspectiva onde a memória é trazida “revivendo os mortos”, e analisando detalhadamente os contornos historiográficos sobre um viés joânico para configurar a ideia do povo, enaltecendo suas virtudes com base no seu comportamento para elucidar a mentalidade de seu tempo e reafirmar sua pátria.

No linear deste texto, me deparei constantemente com o tema sobre nação e nacionalismo que caminhavam fortemente amparados as figuras principais de Joana D'arc e Jules Michelet, na qual, citar tais nomes causasse imediatas associações. Buscar um historiador cuja suas raízes estão fincadas em meio as grandes transformações sociais em um tempo de construções de mentalidades que vigoram suas especificidades e ampliam além de sua territorialidade até a atualidade é compreender o crescimento social e a hegemonia cultural que a França estabeleceu ao longo de seu tempo. Personagens marcantes dessa História, que vai além da religiosidade em forma de historicidade e da relevância de um conteúdo arquivístico que ia a mais que sua materialidade, dando um teor de importância as “vozes do povo.”

Joana D'arc foi traduzida por Michelet numa modelagem de exaltação; soberana de um período que elucidava tais questionamentos que vigoravam nesse cenário oitocentista e eclodia uma luta vencida por uma mulher além de seu tempo. Objeto de fortalecimento de seu povo, Joana D'arc nas mãos de Jules Michelet se tornou parte desta nação em um viés heroico e inebriante, cujo entusiasmo é elemento catalisador para um processo contínuo que se pendurou ao longo do tempo. Da documentação vívida, das incertezas acerca de seu julgamento, das incoerências a respeito de seus posicionamentos, nada pôde subjugar uma história que transcorreu por mais de cem anos e emoldurou uma vitória brilhante de um povo que já se dava por vencido.

É no Romantismo que Michelet extrai as bases de seu processo metodológico a respeito de Joana D'arc. Por mais que não se intitulasse como membro deste movimento, vemos os princípios e a mentalidade sendo revigoradas dentro de suas obras; onde o amor

e a exaltação nacional idealizam essa sociedade vigente, e configuram a busca de uma identidade acerca de seu povo.

Sua ótica medievalista acentua a religiosidade popular, as suas tradições e traduz a massa como principal agente de mudanças sociais. Ele ressurgiu esse povo dentro da figura da Donzela, utilizando-a como objeto que transcorre uma narrativa de afirmações, para respaldar a luta de uma nação, na qual, ancoram sua fé e o fervor que traziam na busca por mudanças e na tentativa de solidificar seu espaço.

O povo da Revolução Francesa já não era o mesmo povo da Guerra dos Cem anos, que ao longo do tempo trazia quebras com a sua Teologia, com seus ideais e se fortaleciam a fim de buscar uma nova realidade. O século XVIII, que tanto buscou esse rompimento com o passado medieval e configurou uma causa amparada na razão, trouxe a antiguidade como elemento desencadeador de sua Revolução, na qual, diverge com o pensamento de determinados grupos, que entendem que ao se voltarem para essa antiguidade, estariam perdendo a construção da nação francesa, onde o imaginário criado na Idade Média respaldava a sua materialidade. Esta materialidade, após a Revolução Francesa tinha o propósito de buscar nas fontes medievais a compreensão de um povo existente o fundamentalismo de um modelo que juntasse essa sociedade que se encontrava em partes e os unificaria. Jules Michelet demonstra em seu trabalho essa Idade Média, renasce esse povo em suas “Renascenças” e agrega valores da Revolução Francesa, para condecorar essa nação.

É pela emoção que o sentimento nacional surgia aos olhares de muitos desses oitocentistas, cujo elemento primitivo seria encontrado nessa medievalidade que fora abandonada pelos Iluministas. É pela igualdade e a soberania popular que o Romantismo se debruça, trazendo o sujeito histórico como parte desse cenário composto de erudição, na qual a sociedade é seu maior ponto de concentração para embasar sua historiografia. São dessas fontes que Jules Michelet bebe e dá lugar a uma das mulheres muito bem documentadas da História, buscando uma memória que solidifica olhares, questionamentos e ampara um país, reafirmando seu lugar dentro desse universo revolucionário. Michelet materializa a Donzela de Orleans pela memória de uma nação que eclodia o furor por novos tempos e a coloca como elemento central de sua amada e adorada França.

É nessa configuração que a historiografia oitocentista voltada para o romantismo de sua nação mergulha e *ressignifica* sua imagem, tomando suas lutas como papel fundamental para embasar a solidez dessa pátria e contextualizar o pensamento nacional.

## Referências

ANDERSON, Benedict, **Comunidades Imaginadas**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALMEIDA, Ana. **A Representação de Joana D’Arc em La Pucelle D’Orléans.** Revista do Corpo Discente do Programa de Pós Graduação em História da UFRGS – AEDOS. Edição: Janeiro\2007. Extraído do site: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/22306/13122>. Acesso: 15 de Junho de 2019.

AMARAL, Flávia. **Escrever sobre Joana d’Arc no século XIX: inovação ou tradição?.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. Universidade de São Paulo. Julho 2011.

AMARAL, Flávia. **História e ressignificação: Joana d’Arc e a historiografia francesa da primeira metade do século XIX.** Tese de Doutorado Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo. 2012. Extraído do site : <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14012013-105821/pt-br.php>. Acesso: 10 de Junho de 2019.

BARBOSA, Márcia. **Nação, um discurso simbólico da modernidade.** Crítica Cultural (Critic), Palhoça, SC, v. 6, n. 1, p. 203-216, jan./jun. 2011. . Extraído do site: [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica\\_Cultural/article/view/734](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/734) . Acesso em 20 de Janeiro de 2019

DIAS, Sandro. **As palavras e o coração - estudo sobre algumas imagens em O povo de Jules Michelet** - Unicamp. Instituto de Estudos da Linguagem, 2003

DUARTE, Luiz. **A Pulsão Romântica E As Ciências Humanas No Ocidente.** Trabalho apresentado originalmente no seminário: É Todos Pós-Românticos, CCBB/Rio de Janeiro, 24 a 27 de setembro de 2002. Vol. 19 nº. 55 junho/2004.

ELEUTHÉRIO, Mayquel. **O Filósofo e a Donzela: a corrosão do mito de Joana d’Arc por Voltaire em La Pucelle d’Orléans.** Aedos. n. 10 vol. 4 – Jan/Jul 2012. Extraído do site: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/24603>. Acesso em 15 de Fevereiro de 2019.

HOBBSAM, Eric. **Sobre História- Ensaio.** Trad. Moreira, Cid. Companhia de Bolso, 2013.. Disponível pelo Le Livros.

LE, Goff.. **História e Memória.** Editora da Unicamp, 1990. Disponível pelo Le Livros.

MATOS, Julia. **Joana D’Arc entre a História e a Literatura: de Jules Michelet a Érico Veríssimo.** Aedos - ISSN 1984- 5634 <http://www.seer.ufrgs.br/aedos> Num. 7, vol. 3, Fevereiro 2011.

MICHELET, Jules. **Joana D’Arc.** Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário/Polis, 1995.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. São Paulo, 1993.

NUNES, Wanessa. **Processo Inquisitorial De Joana D'arc: Conflitos Políticos e Religioso**. Faculdade de Educação, Ciências e Letras. Departamento de História. Brasília, 2015.

OLIVEIRA, Osmar. **Processo Civilizador Segundo Norbert Elias**. GETSEAM/UEM. 2012

OLIVEIRA, Therezinha. **A historiografia francesa dos séculos XVIII e XIX: as visões iluminista e romântica da Idade Média**. Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá- Paraná, Brazil.1999

PERNOUD, Régine. **Joana D'Arc, a mulher forte**. Tradução Jairo Veloso Vargas J. - São Paulo: Paulinas,1996.

PERROT, Michelle. **Escrever Uma História Das Mulheres: Relato De Uma Experiência**. cadernos pagu (4) 1995: pp. 9-28. Conferência proferida no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu em 06 de maio de 1994 (Unicamp). Tradução de Ricardo Augusto Vieira - Mestrando em Filosofia, UNICAMP.

RABELO. Agnaldo **O Romantismo nas páginas de a Feiticeira**. Anais Eletrônicos- VI Encontro Estadual de História – ANPUH/BA -2013

RABELO, Agnaldo. **Michelet, Desesperança e Fúria Na Idade Média: Nasce A Feiticeira**. Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Orientadora: Ma. Maristela Toma. Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais – Salvador. Agosto, 2011.

RABELO, Agnaldo. **Michelet, Desesperança E Fúria Na Idade Média: Nasce A Feiticeira**.

RIZO, Gabriela. **A Renascença De Michelet A Tarefa Pedagógica Do Historiador Diante De Seu Povo**. Londrina, v. 6, p. 187-198, Out. 2000.

RIZZO, Marcelo. **HISTÓRIA DE META-HISTÓRIA: Um estudo sobre a teoria da história de Hayden White**, 2005.

SALIBA, Elias Thomé. **A sombra do imortal: reflexões sobre a nação e a memória.** Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.4 p.309-16 jan./dez. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a21v4n1.pdf>. Acesso em 15 de Janeiro de 2019

SANTOS, Afonso. **Nação e História: Jules Michelet e o Paradigma Nacional na Historiografia do Século XIX.** Revista de História 144 (2001), 151-180

SCHREINER, Michelle. **Jules Michelet e a História que ressuscita e dá vida aos homens: Uma leitura da emergência do “povo” no cenário historiográfico francês da primeira metade do século XIX.** AGOSTO / 2005

SCHREINER, Michelle. **Jules Michelet E o Romantismo Político na História: Um estudo sobre o conceito de “povo” na historiografia francesa da primeira metade do século XIX.** Campinas, 2001.

TEIXEIRA, Maria. **História ao Pé da Letra: Uma Introdução à obra de Jules Michelet.** Caligrama. Belo Horizonte. 2011.

TEIXEIRA, Maria. **Jules Michelet: Um Historiador Às Voltas Com A Crítica Literária.** UFMG (cadernos literários. 23), 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/cadliter/article/view/5488/5894>. Acesso em 6 de julho de 2019.

TEIXEIRA, Maria, **Michelet, Teórico Do Romance.** Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte – Brasil ALEA | Rio de Janeiro | vol. 19/3 | p. 618-635 | set-dez. 2017

WHITE, Hayden. **Meta – História : a imaginação histórica do século XIX.** Trad. José Laurênio de Melo. Ed. USP,1992.